

A PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA NO IEL NO FINAL DOS ANOS 90

INÊS SIGNORINI
(UNICAMP)

Num estudo feito em 1998, apontávamos “a expansão e a consolidação de uma base multidisciplinar na constituição dos procedimentos de investigação próprios do campo aplicado” como o principal traço da pesquisa em LA na década de 90 no Brasil e no exterior (Signorini & Cavalcanti 1998: 7-8). Na mesma ocasião, víamos nos “percursos transdisciplinares de investigação” o principal vetor do trabalho de constituição desses procedimentos ditados pela própria especificidade do objeto de estudo na área (Signorini 1998: 99-100)¹.

No caso específico da pesquisa desenvolvida nessa década no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, esse movimento de expansão da base multidisciplinar de referência deu-se em graus variados, conforme o campo específico de investigação, e buscou atender à demanda de instrumentos de reflexão mais adequados ao estudo de práticas contextualizadas de uso da linguagem. Por práticas contextualizadas de uso da linguagem, entendam-se as práticas constitutivas do ensino de língua, da formação do professor de língua, do exercício da leitura e da escrita e da tradução. E na esteira, justamente, do estudo dessas práticas é que surgiram questões específicas relacionadas à reconfiguração de objetos herdados das teorias lingüísticas e estudos aplicados tradicionais.

O principal objetivo deste volume da revista *Trabalhos em Lingüística Aplicada* é, pois, o de reunir uma parte importante dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos neste final dos anos 90 no IEL, trabalhos esses que tanto descrevem percursos já feitos quanto apontam para rumos e percursos de interesse para o futuro. Na medida em que documentam os focos de interesse e os modos de investigação que ora se constroem, esses trabalhos também documentam a discussão de idéias, métodos e valores que, em diferentes graus, nos têm afetado a todos que trabalhamos na área.

Em função do foco temático de cada um, foram agrupados em quatro partes não completamente estanques, uma vez que há preocupações comuns que atravessam transversalmente o conjunto. A principal dessas preocupações é a da constituição de um objeto de investigação que contemple a multiplicidade e a complexidade dos fatores, tanto subjetivos e sociais, quanto políticos e éticos, que constituem as práticas de linguagem focalizadas.

¹ A esse respeito, ver também Moita Lopes 1998; Celani 1998; Serrani-Infante 1998 (In: Signorini & Cavalcanti 1998).

Compõem a primeira parte, os trabalhos que abordam questões relacionadas ao ensino/aprendizagem de L2/LE. Filiando-se à tradição dos estudos aplicados de “aquisição” de L2/LE, esses trabalhos buscam contribuir para a reflexão sobre o alcance teórico e metodológico de constructos herdados dessa tradição. No primeiro deles, a Profa. Matilde Scaramucci focaliza o conceito de proficiência em língua estrangeira, buscando esclarecer as confusões, dúvidas e divergências já apontadas pela literatura e que, segundo ela, comprometem a operacionalização do conceito, notadamente no campo específico da elaboração de instrumentos de avaliação de proficiência em L2/LE. A principal contribuição desse trabalho para investigações futuras sobre o assunto está na afirmação da necessidade de se buscarem instrumentos teórico-metodológicos mais adequados à descrição da multiplicidade de proficiências linguístico-discursivas que são próprias dos falantes reais de uma dada língua (em contraposição a falantes nativos ideais).

No segundo trabalho dessa primeira parte, o Prof. José Carlos P. de Almeida Filho e a doutoranda Rita C. Barbirato focalizam o uso de tarefas comunicativas no ensino de LE. Buscam na extensa bibliografia dedicada ao assunto e nos dados coletados num curso experimental de nível intermediário os elementos para uma reconsideração do conceito e da função da tarefa comunicativa em sala de aula. Avaliam como de alto potencial didático-pedagógico a criação de ambientes comunicativos através do planejamento e do uso de materiais voltados para a construção do que denominam “bolhas de uso da língua-alvo”, ou seja, para a simulação de situações próximas às de imersão dos aprendizes em contextos reais de uso da língua estrangeira. Em suas considerações sobre as vantagens e os riscos desse tipo de simulação, os autores apontam para a necessidade de novas investigações sobre a multiplicidade dos mecanismos conscientes e inconscientes envolvidos nos processos de aquisição e de aprendizagem de uma LE.

No trabalho seguinte, as Profas. JoAnne Busnardo e Linda G. El-Dash rediscutem o conceito de conscientização pragmática em contexto de ensino de língua estrangeira, relacionando-o às abordagens funcionais de ensino e às tentativas de descrição da competência pragmática como um componente da competência comunicativa, segundo essas mesmas abordagens. Testando o uso de material conhecido (o DCQ - Discourse Completion Questionnaire) como instrumento de conscientização pragmática em sala de aula, as autoras avaliam como potencialmente produtivo o uso desse instrumento como vetor de “reflexões não triviais” sobre o assunto. Apontam a possibilidade de novas indagações sobre o material e os procedimentos a serem utilizados no ensino de aspectos pragmáticos para aprendizes de diferentes faixas etárias.

No quarto trabalho que compõe a primeira parte, a Profa. Elza T. Doi descreve uma dificuldade específica da produção oral do japonês por aprendizes brasileiros, utilizando a hipótese da bimoraicidade como estrutura fonológica típica do japonês. Apoiando-se também em dados do português falado por japoneses, a autora aponta as realizações desviantes de brasileiros e japoneses como reveladoras dos contrastes nos padrões segmentais e prosódicos de cada uma das duas línguas. Mostra ainda que a maioria dos materiais tradicionais de ensino do japonês oral não levam em conta o padrão bimoraico que caracteriza o aspecto rítmico da língua, dificultando o aprendizado para o falante acostumado ao ritmo das línguas acentuais, como é o caso do

português. A principal contribuição desse trabalho para investigações futuras está na afirmação da necessidade de se buscarem instrumentos teórico-metodológicos mais adequados à descrição dos padrões lingüístico-discursivos de realização da língua a ser ensinada em dado contexto, a um dado grupo de aprendizes. Nesse sentido, caberia indagar sobre a importância de uma descrição mais completa e sistemática de objetos não assimiláveis aos descritos pelos manuais, como é o caso do japonês falado no Brasil e do português falado por nipo-brasileiros.

No quinto e último trabalho que integra a primeira parte, a Profa. Denise B. Braga e a mestrandia Lúcia A. da Costa discutem vantagens e limites do uso do computador e da internet no ensino de língua estrangeira. Retomando estudos já feitos sobre o assunto e contrapondo dados coletados em situação de ensino presencial e de ensino à distância mediado por computador, as autoras estabelecem as características mais salientes dessas duas situações e chamam a atenção para os diferentes modos de atuação do professor e de manifestação da expectativa de contato social efetivo por parte dos alunos. Um aspecto importante a ser considerado nesse trabalho é o da tentativa de construção de um objeto de investigação de componentes múltiplos e heterogêneos, centrados no aluno em situações práticas de interação com o professor, a máquina e o material didático-pedagógico. Conforme apontam as autoras, a inserção de novos recursos tecnológicos ao ensino suscita a busca de instrumentos teórico-metodológicos mais adequados ao estudo das ações lingüístico-discursivas que daí emergem .

Os dois trabalhos que integram a segunda parte do conjunto de textos aqui apresentados abordam questões relacionadas à formação de professores em contextos multiculturais mono e multilíngues, respectivamente. A perspectiva de uma educação culturalmente sensível é uma orientação comum às duas propostas apresentadas, apesar de só tematizada no trabalho sobre educação indígena.

Focalizando a formação de alfabetizadores no contexto específico do Programa Alfabetização Solidária (PAS), a Profa. Sylvia B. Terzi descreve e analisa três momentos interrelacionados na sequência de “ações formadoras” desenvolvidas em cursos de capacitação envolvendo acadêmicos de Campinas e professores leigos e não leigos de duas pequenas cidades do interior de Alagoas. Aponta as mudanças de foco dessas ações como o eixo organizador de um processo de inserção gradativa do alfabetizador como agente socio-historicamente contextualizado (em contraposição a alfabetizador como categoria profissional genérica) e, portanto, como fundamentalmente constituído pelas práticas sócio-culturais de sua comunidade de origem. Uma questão importante, suscitada por esse trabalho, é a da multiplicidade de fatores de ordem subjetiva, social, política e ética implicados no que a autora denomina “letramento do professor” em contextos de formação, notadamente em contextos biculturais do tipo focalizado. Outra questão importante a ser desenvolvida é das necessidades teórico-metodológicas criadas pelo volume e heterogeneidade dos dados a serem analisados em pesquisas sobre formação do professor.

A essas mesmas questões remete o trabalho seguinte, no qual a Profa. Marilda C. Cavalcanti relata e analisa experiências de ensino e pesquisa em contexto de formação de professores e de pesquisadores indígenas oriundos de diferentes regiões do país. Enfatizando a natureza transcultural dos eventos analisados e o caráter colaborativo da pesquisa desenvolvida, a autora se propõe a não perder de vista “o ponto de vista e o

olhar do professor índio” sobre a escola e a escolarização no contexto maior de uma educação indígena, necessariamente bilíngue. Como resultado da análise de uma extensa base de dados, são apresentadas as hipóteses relacionadas aos significados e funções atribuídos por esse professor à escola, ao material didático e ao bilingüismo. Tais hipóteses dão sustentação, segundo a autora, às sugestões por ela apresentadas para uma política mais consistente de formação de professores indígenas. Uma contribuição importante desse trabalho para a pesquisa acadêmica em Educação Bilíngue e em Políticas Lingüísticas está na afirmação da necessidade e do desafio de se atribuir ao falante dos grupos minoritários o estatuto de interlocutor privilegiado na construção e na discussão do trabalho de pesquisa.

Agrupados na terceira parte do conjunto aqui reunido, estão os trabalhos que abordam a escrita como lugar de indexicalização de processos psico-socio-discursivos e lingüísticos de filiação do escrevente a posições, categorias e funções múltiplas e ao mesmo tempo singulares, do tipo criança, adulto, aprendiz, professor, autor, etc. Nos dois primeiros, são focalizados os índices de emergência do estilo individual/subjetivo em textos produzidos por aprendizes do ensino fundamental e médio. No terceiro trabalho são enfocados os índices de ações subjetivas inconscientes, ou “movimentos identificatórios”, de constituição do professor enquanto sujeito singular de uma categoria socio-profissional.

Em seu trabalho sobre a emergência do estilo em produções de um aprendiz em processo de aquisição da escrita, a Profa. Maria L. Mayrink-Sabinson apresenta alguns resultados de um estudo longitudinal sobre a emergência do humor como efeito estilístico característico dos textos produzidos por esse aprendiz ao longo das oito séries do ensino fundamental. Através da análise dos modos de constituição desse efeito estilístico em textos produzidos em diferentes épocas e situações, a autora aponta a variedade dos recursos utilizados e a hipótese de uma conscientização progressiva, por parte do aprendiz, dos efeitos e recursos envolvidos na construção de um estilo próprio. Dentre as inúmeras questões suscitadas por esse trabalho, são de grande interesse para a pesquisa futura as que focalizam os efeitos dos modos de apreensão da língua e das práticas de linguagem circundantes sobre a construção do estilo como marca do trabalho individual com/na linguagem.

Parte dessas questões estão presentes no trabalho seguinte, no qual a Profa. Raquel S. Fiad se propõe a relacionar gênero discursivo e estilo individual. Assumindo os mesmos pressupostos teórico-metodológicos apresentados no trabalho anterior, a autora apresenta resultados da análise das marcas de estilo presentes nas diferentes versões de textos do gênero epistolar, todos sobre o mesmo tema, produzidos individualmente por alunos de uma escola pública de 2º. grau. Tomadas como “manifestações individuais” de caráter singular, essas marcas de estilo são descritas em suas relações com algumas estratégias básicas de argumentação presentes no corpus. Convencida da importância de se focalizarem as diferenças nessas manifestações, ao invés das recorrências e semelhanças, a autora chama a atenção para o interesse dos instrumentos teórico-metodológicos que possibilitam ao analista manter o foco e buscar as peculiaridades que escapam aos instrumentos tradicionais de estudo da aquisição da escrita.

Voltado também para a questão da singularidade manifesta/construída nas produções de linguagem, o terceiro trabalho dessa terceira parte procura ir um pouco além, na medida em que compreende a singularidade como uma categoria psíquica interna ao sujeito e que se constrói em ações e movimentos próprios do inconsciente como determinante último do psíquico. Nesse trabalho, a Profa. Maria José F. Coracini mobiliza contribuições de diferentes disciplinas, com destaque para as da Psicanálise, no intuito de “melhor compreender o sujeito professor de língua portuguesa (...) na sua singularidade e, portanto, no seu interior”. Através da análise de produções escritas e orais de professores de língua portuguesa da rede estadual paulista, a autora busca identificar a pluralidade e a heterogeneidade de vozes, imagens e representações que, segundo ela, atravessam o imaginário e o dizer desse professor, bem como o imaginário e o dizer dos outros (aluno, escola, livro didático, etc) que o constituem como sujeito. Dentre as inúmeras questões suscitadas por esse trabalho, são de especial interesse para indagações futuras as (im)possibilidades teórico-metodológicas criadas pela inserção da problemática do inconsciente em tradições analíticas muito mais marcadas pela análise do significado que pela do significante, na acepção psicanalítica do termo.

A quarta e última parte do conjunto dos textos reunidos neste número também tematiza a questão da marca autoral num tipo específico de produção de linguagem: a da tradução vista como uma produção singular e original (em contraposição a reprodução fiel e neutra) e, portanto, historicamente contextualizada. No primeiro trabalho, a Profa. Rosemary Arrojo discute a resistência do senso comum e de boa parte dos tradutores às contribuições do pensamento “pós-estruturalista, pós-moderno, ou anti-essencialista” para uma revisão, a seu ver extremamente produtiva, dos clichês relacionados à tradução e ao ofício do tradutor. Focalizando o que diz um prestigiado tradutor brasileiro numa entrevista publicada por um grande jornal de São Paulo, a autora retoma todos esses clichês, buscando demonstrar a impossibilidade de qualquer tradutor ter como “princípio ético a transparência, ou a invisibilidade”, por razões inerentes ao próprio trabalho de tradução. Segundo a autora, o único princípio ético de que dispõe, de fato, o tradutor é o da afirmação de sua visibilidade e de sua “responsabilidade autoral”. Um outro aspecto interessante, suscitado por esse trabalho, é o da natureza político-ideológica das relações que tanto aproximam quanto separam autores, tradutores e acadêmicos em seus respectivos campos de ação. A esse respeito, não deixa de ser relevante a instituição mediadora dessas relações, no caso a editora ou a academia, com seus valores e normas próprias.

No trabalho seguinte, o Prof. Paulo Ottoni se propõe verificar de que modo a tradução da escritura de Jacques Derrida dá visibilidade ao *double bind* e à sua própria maquinaria de construção/desconstrução das fronteiras entre as línguas, gêneros e textos que habitam um mesmo texto objeto da tradução. Apoiando-se na análise de prefácios, posfácios e notas de tradutores para o inglês da obra do filósofo francês, o autor busca demonstrar como esses tradutores se apropriam do discurso derrideano sobre os princípios de funcionamento e a economia da desconstrução para explicar e justificar suas próprias construções/desconstruções no exercício da tradução. Uma questão de interesse para investigações futuras sobre o assunto é a das implicações teórico-metodológicas e também éticas dessa especularização “abissal” da figura do autor e a

consequente reaparição do mito do texto incorruptível em sua infinita (in)traduzibilidade.

Campinas, dezembro de 2000.

REFERÊNCIAS

- SIGNORINI, I. (1998) Do residual ao múltiplo e ao complexo. In: Signorini, I. & Cavalcanti, M. C. *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*, pp. 99-110.
- SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. C. (1998) *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras.